



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

O que eu vi

What I saw

Autor: Daniela Motter Rosso
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Edição: RUS, Vol. 16. Nº 28
Publicação: Maio de 2025
Recebido em: 27/02/2025
Aceito em: 26/04/2025

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.234396>

ROSSO, Daniela Motter.

O que eu vi

RUS, São Paulo, v. 16, n. 28, pp. 198-211, 2025.



O que eu vi

Boris Jitkóv

Tradutora: Daniela Motter Rosso*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a tradução, para a língua portuguesa, de parte do livro russo-soviético *Chto ia vídel* (O que eu vi), de Boris Jitkóv (1882-1938). O autor fez parte de uma importante geração de escritores que trouxeram uma nova perspectiva à literatura infantil russa, apresentando um novo conceito de criança, não como um pequeno adulto, mas como uma pessoa em desenvolvimento. Publicado em 1939, o livro, uma espécie de enciclopédia para crianças, narra as viagens do menino Potchemutchka (Porquezinho) pela Rússia de seu próprio ponto de vista.

Abstract: This work aims to present the translation into Portuguese of part of the Russian-Soviet book *Chto ia videl* (What I Saw), by Boris Zhitkov (1882-1938). The author was part of an important generation of writers that introduced a new perspective to Russian children's literature, presenting a new concept of the child, not as a small adult, but as person in development. Published in 1939, the book, a kind of encyclopedia for children, narrates the travels of the boy Potchemutchka around Russia from his own point of view.

Palavras-chave: Boris Jitkóv; Literatura russa; Literatura infantil; Tradução
Keywords: Boris Zhitkov; Russian literature; Children's literature; Translation

Introdução

Antes de começar a escrever, Boris Jitkóv (1882-1938) foi marinheiro, metalúrgico, engenheiro naval e professor de física e desenho. Inspirado pelas experiências como viajante e explorador e pelos diários de viagem que manteve ao longo dos anos, publicou sua primeira obra em 1924. Ao longo da vida, escreveu mais de setenta ensaios, cinquenta e nove contos, sete romances e quatorze artigos, tendo ficado conhecido principalmente pelos livros infantis, dentre os quais se destaca a obra traduzida neste trabalho.

O autor fez parte de uma importante geração de escritores que trouxeram uma nova perspectiva à literatura infantil russa. Com a revolução de 1917, buscou-se a criação de uma nova literatura infantil, mais livre e flexível, não mais focada em contos de fadas românticos, mas em trabalhadores reais e, assim, a década de 1920 presenciou uma nova era de livros explicativos focados em temas mais complexos. Pela primeira vez, as crianças eram tratadas não como pequenos adultos, mas como pessoas em desenvolvimento a serem educadas.

Publicada em 1939, *Chto ia vídel* (O que eu vi) é uma enciclopédia de histórias infantis, que explica o complexo em linguagem simples. A obra se configura como uma espécie de livro

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharelado em Letras com habilitação em tradução Português/Inglês. <http://lattes.cnpq.br/0996934126344350>; <https://orcid.org/0009-0006-8621-0763>; danimrosso@gmail.com

de viagens do menino Aliocha, carinhosamente apelidado de Potchemutchka (Porquezinho), no qual ele mesmo narra sua viagem de trem até Moscou onde se encontra com sua avó, com quem vai morar por um tempo. A perspectiva infantil de Aliocha sobre o mundo e suas intermináveis perguntas para os adultos ao seu redor demonstram a atenção de Jitkóv para com o público-alvo, entendendo que há um período muito curto da vida em que podem receber uma resposta para qualquer pergunta. O livro está dividido em 20 partes e tem cerca de 380 páginas no total. A tradução aqui apresentada, porém, abrange o prefácio “Para adultos”, além de um trecho da primeira parte intitulada “A Ferrovia”.

O que eu vi

Para adultos

Este é um livro sobre coisas. Ele foi escrito tendo em vista a idade de três a seis anos.

As crianças devem ler de um a dois capítulos por vez. Que elas folheiem o livro, que elas considerem e estudem os desenhos.

Este livro deve durar por um ano. Que o leitor viva com ele e cresça.

Mais uma vez aviso: não leia demais! É melhor ler de novo do início.

Autor

Como me chamavam

Eu era pequeno e perguntava para todo mundo: “Por quê?”

A mamãe disse:

– Veja, já são nove horas.

E eu falei:

– Por quê?

Ela me disse:

– Vá dormir.

E eu falei de novo:

– Por quê?

Me disseram:

– Porque já é tarde.

– E por que é tarde?

– Porque são nove horas.

– E por que são nove horas?

E por isso me chamavam de Porquezinho. Todos me chamavam assim, mas, na verdade, meu nome é Aliócha.

Sobre o que a mamãe falou com o papai

Uma vez o papai voltou do trabalho e disse à mamãe:

– Deixe que o Porquezinho saia da sala. Eu preciso te dizer algo.

A mamãe me falou:

– Porquezinho, vá para a cozinha, vá brincar com o gato.

Eu disse:

– Por que com o gato?

Mas o papai me pegou pela mão e me levou pela porta. Eu só não comecei a chorar porque então não escutaria o que papai iria falar. E o papai disse:

– Hoje recebi uma carta da vovó. Ela pede que você leve Aliócha até ela em Moscou. E de lá ele irá com a vovó até Kiev. Ele vai morar lá por enquanto. E quando nos estabelecermos na casa nova, você o buscará com a vovó e o trará de volta.

A mamãe falou:

– Tenho medo de levar o Porquezinho, pois ele está tossindo. Quem sabe no caminho ele fique realmente doente.

O papai falou:

– Se ele não tossir nem hoje, nem amanhã, acho que pode levar.

– E se ele tossir pelo menos uma vez – falou a mamãe –, não irei com ele.

Eu escutei tudo e fiquei com medo de tossir. Eu queria tanto ir para um lugar muito, muito distante.

Como a mamãe ficou com raiva de mim

Naquela mesma noite, eu não tossi. E quando fui dormir, não tossi. Mas de manhã, enquanto eu levantava, comecei a tossir de repente. A mamãe escutou.

Eu corri até ela e comecei a gritar:

– Eu não vou mais! Eu não vou mais!

A mamãe falou:

– Por que está berrando? O que você não vai mais?

Então comecei a chorar e disse que não iria mais tossir.

A mamãe falou:

– Por que está com medo de tossir? Está até chorando!

Eu disse que queria ir para um lugar muito, muito distante.

A mamãe disse:

– Ah! Quer dizer que você escutou tudo o que eu e seu pai falamos. Oh, como é feio bisbilhotar! Eu não vou levar um menininho tão feio.

– Por quê? – falei.

– Porque é feio. Só isso.

A mamãe foi para a cozinha e acendeu o fogareiro. E o

fogareiro fazia tanto barulho que a mamãe não escutava nada.

Eu continuei pedindo para ela:

– Me leva! Me leva!

Mas a mamãe não respondia. Ela estava com raiva e tudo estava perdido.

A passagem

De manhã, quando o papai estava saindo, ele disse à mamãe:

– É isso, vou para a cidade comprar as passagens.

E a mamãe falou:

– Que passagens? Só precisamos de uma passagem.

– Ah, sim – disse o papai –, tem toda a razão: uma passagem. Para o Porquezinho não precisa.

Quando eu escutei isso, que não comprariam uma passagem para mim, eu comecei a chorar e quis correr até o papai, mas ele saiu muito rápido e fechou a porta. Eu fiquei batendo na porta com os punhos. Da cozinha, saiu nossa vizinha, gorda e zangada, e disse:

– Que indecência é essa?

Eu corri até a mamãe. Corria e chorava muito.

A mamãe disse:

– Vá embora, menininho feio! Não gosto de quem bisbilhota.

À noite, o papai chegou da cidade e imediatamente me perguntou:

– E aí, como está? Tossiu hoje?

Eu disse que “não, nenhuma vez”.

E a mamãe disse:

– Dá na mesma! É um menininho feio. Eu não gosto de gente assim.

Depois, o papai tirou do bolso uma caixa de fósforos, mas não tirou um fósforo dela, e sim um papelzinho duro. Era marrom com uma listra verde, e nele havia várias letras.

– Aqui está – disse o papai –, a passagem! Coloquei na mesa. Guarde para não ter que procurar depois.

Tinha apenas uma passagem. Eu entendi que não iriam me levar.

E eu disse:

– Bem, então vou tossir. Eu vou tossir para sempre e não vou parar nunca.

E a mamãe disse:

– Está bem, vamos te devolver ao hospital. Lá vão te vestir com um roupão e não vão te deixar ir a lugar nenhum. E você vai morar lá até parar de tossir.

Como nos preparamos para a viagem

No dia seguinte, papai me disse:

– Você não vai bisbilhotar nunca mais?

Eu disse:

– Por quê?

– Porque, se não querem que escute algo, significa que você não precisa saber daquilo. E não tem por que enganar, espiar e bisbilhotar. É tão feio!

Levantei e bati o pé. Com toda a força, talvez.

A mamãe veio correndo, e perguntou:

– O que houve aqui?

E com a cabeça na saia da mamãe, comecei a gritar:

– Eu não vou bisbilhotar!

Então a mamãe me beijou e falou:

– Bom, então hoje nós vamos. Pode levar um brinquedo contigo. Escolha qual.

Eu disse:

– E por que só uma passagem?

– Porque – disse o papai – os pequenos não precisam de passagem. Eles levam assim mesmo.

Eu fiquei muito feliz e corri até a cozinha contar a todos que estava indo para Moscou.

Levei comigo um ursinho. De dentro dele caía um pouco de

serragem, mas a mamãe o costurou rapidinho e colocou na mala.

Depois compramos ovos, salsichas, maçãs e dois pãezinhos.

O papai amarrou as coisas com cintos, olhou para o relógio e disse:

– Bem, está na hora. Por enquanto, vamos da nossa vila até a cidade, e de lá até a estação...

Todos os vizinhos se despediram de nós e disseram:

– Olhe, vocês vão viajar em um vagãozinho pela ferrovia... Veja, não vão cair.

E nós fomos a cavalo até a cidade.

Cavalgamos por muito tempo porque estávamos levando nossas coisas. E eu peguei no sono.

A estação ferroviária

Eu achava que a ferrovia era assim: como uma rua, só que sem terra nem pedra embaixo, mas com ferro, como no fogão, bem lisinho. E se alguém caísse do vagão, se machucaria feio naquele ferro. É por isso que dizem para não cair. Mas eu nunca tinha visto uma estação ferroviária.

A estação era só um prédio grande. Em cima havia um relógio. O papai disse que era o relógio mais pontual da cidade. E os ponteiros eram tão grandes – disse o papai – que até os pássaros se sentavam neles às vezes. O relógio era de vidro, e atrás dele brilhava uma luz. Nós chegamos à estação à noite, e o relógio todo estava visível.

Havia três portas na estação, grandes como portões. E muitas, muitas pessoas. Todas entravam e saíam. E carregavam para lá baús e malas, e tias com trouxas andavam muito apressadas.

Assim que nos aproximamos, um tio de avental branco veio correndo e de repente agarrou nossas coisas. Eu queria gritar “ei!”, mas o papai logo falou:

– Carregador, nós vamos para Moscou, no oitavo vagão.

O carregador pegou a mala e imediatamente foi em direção

à porta. A mamãe correu até ele com uma cestinha. Lá na cestinha tínhamos salsichas, maçãs, e ainda vi a mamãe colocar doces.

O papai me pegou pela mão e me levou até a mamãe. Tinha tanta gente que eu perdi onde estavam a mamãe e o carregador. Passamos pelas portas, subimos uma escadinha e de repente estávamos em um salão muito, muito grande. O chão de pedra era muito liso, e nenhum menino conseguiria arremessar uma pedra até o teto. E tinha lanternas redondas por toda parte. Era muito claro e muito alegre. Tudo brilhava muito, e em barris verdes havia árvores, que chegavam quase até o teto. Elas não tinham galhos, mas em cima tinham folhas muito, muito grandes com dentinhos. E lá ainda havia armarinhos vermelhos brilhantes. O papai foi comigo direto até eles, tirou dinheiro do bolso e enfiou o dinheiro no burquinho do armarinho. Do fundo da janelinha, saltou um bilhete branco.

Eu só disse:

– Por quê?

E o papai falou:

– É um caixa automático. Sem esse bilhete não posso te acompanhar até o trem.

A plataforma

O papai rapidamente me levou para onde todos estavam indo com suas malas e trouxas. Eu procurei onde estava a mamãe e o carregador, mas eles não estavam em lugar nenhum. Nós passamos pela porta, e lá pegaram o bilhete do papai e disseram:

– Passe, cidadão.

Eu achei que tínhamos saído para a rua, mas é porque lá em cima o teto era de vidro. Aquela era a estação ferroviária. Lá havia vagões em fila indiana, um atrás do outro. Eles estavam ligados, formando o trem. Na frente, havia uma locomotiva. E próximo aos vagões se estendia um longo piso.

O papai falou:

– A mamãe e o carregador estão ali na plataforma.

O longo piso era a plataforma. Nós fomos para lá. De repente, escutamos alguém atrás de nós gritando:

– Atenção! Atenção!

Olhamos para trás, e eu vi: vinha um carrinho baixo de rodinhas com uma pessoa dentro, e ele andava sozinho como um brinquedo de corda. O carrinho se aproximou da mamãe e do carregador e parou. Já havia algumas malas nele. O carregador rapidamente colocou as nossas coisas em cima, e então eu e o papai nos aproximamos, e ele falou:

– Você esqueceu? Oitavo vagão.

E ele me segurava nos braços. O carregador olhou para o papai, sorriu e falou:

– Também posso levar o jovenzinho.

Me pegou por debaixo dos braços e me pôs sentado no carrinho em uma trouxa qualquer. O papai gritou:

– Ei, segure firme!

O carrinho se foi, e a mamãe gritou:

– Ai, que absurdo! Ele pode cair! – e começou a correr atrás de nós.

Eu fiquei com medo de que ela nos alcançasse e me tirasse de lá, mas o moço que estava no carrinho apenas gritava:

– Atenção! Atenção!

E o carrinho corria tão rápido que a mamãe não conseguiria nos alcançar!

Nós passamos pelos vagões. Depois, o carrinho parou. Então nosso carregador veio correndo, e atrás dele o papai, e me tiraram de lá.

No fim do vagão tinha uma pequena portinha e degraus que levavam até ela, como em uma varanda. E perto da portinha estava um tio com uma lanterna e óculos. Ele usava uma jaqueta com botões brilhantes, como as militares. A mamãe falou para ele:

– Cobrador, aqui está minha passagem.

O cobrador ligou a lanterna e examinou a passagem da mamãe.

Como me perdi

De repente, vi uma tia andando pela plataforma e, na corrente, ela trazia um cachorro todo preto com cachinhos. Ele tinha um grande laço amarelo na cabeça, como uma menina. O pelo do cachorro era encaracolado só na metade, atrás era liso, mas tinha um cachinho no rabo.

Eu disse:

– Por que um lacinho?

E fui atrás do cachorro. Só um pouquinho, andei só um bocadinho. De repente, escuto de trás:

– Ei, atenção!

Não era o nosso carregador, mas outro que vinha na minha direção levando o carrinho de mão com as malas. Eu comecei a correr apressado para que ele não me atropelasse.

Havia todos os tipos de pessoas ali, fui empurrado completamente. Eu corri à procura da mamãe. Mas os vagões eram todos como o nosso. Eu comecei a chorar e então, de repente, na estação inteira soou uma voz apavorante:

– O trem está partindo... – e sei lá mais o quê. Tão alto, tão apavorante, que parecia um gigante falando.

Comecei a chorar ainda mais: o trem está prestes a partir, e a mamãe vai partir! De repente, veio um militar de chapéu verde, que se inclinou e falou:

– Por que está chorando? Está perdido? Perdeu a mamãe?

E eu disse que a mamãe já tinha partido. Ele me pegou pela mão e falou:

– Venha, vamos encontrar a mamãe agora.

E me guiou pela plataforma bem depressa. Mas, depois, me pegou no colo.

Eu comecei a gritar:

– Não precisa me levar! Cadê a mamãe? Eu quero minha mãe!

E ele falou:

– Não chore. A mamãe já volta.

Ele me trouxe para uma sala. E na sala estavam mulheres. Elas tinham meninos, meninas e até bebezinhos no colo. Outros brincavam com brinquedos, cavalinhos. Mas a mamãe não estava lá. O militar me pôs sentado em um sofazinho, e então uma tia correu até mim e falou:

– O que foi, o que foi? O menino se perdeu? Não chore. Diga: qual é seu nome? Hein, quem é você?

Eu disse:

– Sou o Porquezinho. Me chamo Aliócha.

E o militar saiu correndo da sala imediatamente.

A tia falou:

– Não chore. A mamãe já vem. Olha aqui, que lindo cavalinho.

Como fui encontrado

De repente, escutei que na estação inteira gritava de novo aquela voz gigantesca:

– Um menino com um chapéu de marinheiro branco e uma jaqueta azul, Aliócha Porquezinho, se encontra no berçário.

– Viu, escutou? – disse a tia. – Sua mãe sabe onde você está e já vem.

Todas as meninas e meninos ficaram ao meu redor, vendo como eu chorava. Mas eu já não estava mais chorando. De repente, a porta se abriu: a mamãe veio correndo.

E eu gritei:

– Mamãe!

A mamãe já tinha me agarrado nos braços. A tia abriu a porta para ela e falou:

– Não se apresse, ainda tem tempo.

Eu olhei e o papai já vinha correndo.

E a mamãe falou:

– Que bom que falaram no rádio. Senão, eu teria perdido completamente a cabeça.

E o papai falou:

– Vamos ficar malucos com esse menininho!

A mamãe me levou direto para o vagão e falou para o tio-cobrador:

– Encontrei, encontrei...

O vagão

No vagão tinha um corredor longo, mas estreito. Depois a mamãe abriu a porta, mas não do mesmo jeito que aquela do berçário, que tinha que puxar, mas deslizando para o lado. E nós entramos na cabine. A mamãe me colocou sentado no sofá. À frente, tinha outro sofá, e debaixo da janela tinha uma mesinha, como uma prateleira. De repente, alguém bateu na janela. Eu olhei pela janela e lá estava o papai. Ele ria e balançava o dedo para mim.

Eu fiquei de pé no sofá para ver melhor, mas o sofá era macio e se mexeu como um balanço. A mamãe disse para eu não me atrever a ficar de pé no sofá e me colocou sentado na mesinha.

O cachorrinho Inzol

De repente, escutei que alguém chegava por trás de mim. Me virei e vi: era o mesmo cachorro de laço amarelo e a tia da corrente. Eu fiquei com medo e encolhi as pernas, mas a tia disse:

– Não precisa te medo, ele não morde.

E eu perguntei:

– Por quê?

– Ah – disse a tia –, você deve ser o Porquezinho, o que se perdeu. Você é o Aliócha? Foi de você que falaram no rádio? Sim, sim – falou –, de chapéu branco e jaqueta azul.

Então um tio, um pouquinho velho, veio até nós, também carregando uma mala. E o cachorro começou a rosar para ele. E a dona do cachorro disse:

– Inzol, não!

E o cachorro começou a cheirar o tio. E o tio colocou sua malinha para cima, na prateleira. A prateleira não era de madeira, mas de tela, como um berço de bebê. O tio sentou e perguntou:

– Estão indo ou voltando?

A tia falou:

– Indo.

O tio perguntou:

– O cachorrinho também vai com a gente? E esse menino, é seu?

A tia disse que o cachorrinho ia também e que ele se chamava Inzol, e que a minha mãe estava vindo e que eu me chamo Aliócha Porquezinho.

– Ah – falou o tio –, foi você que fugiu da mãe? Mas agora parece que foi sua mãe que fugiu de você. Bem – falou ele –, então você vai com essa titia. E comigo. E com o cachorrinho.

Eu dei um grito:

– Não quero!

E já saltei da mesinha e comecei a gritar com todas as forças:

– Mamãe!

O cachorrinho começou a latir. Eu corri para a porta, e o cachorrinho também. Havia uns estranhos lá no corredorzinho, e vi a mamãe empurrar todos e correr até mim.

– O que é isso? Para que fazer esse escândalo? Estou aqui, seu bobinho!

Ela me pegou pela mão e falou:

– Olha ali o papai. Estamos indo.

Referências bibliográficas

JITKÓV, Boris. *Chto ia vídel. Rasskazy i skazki*. Leningrado: Detskaia Literatura, 1979.

LITRES. Boris Zhitkov. [S.L.]. Disponível em: <https://www.litres.ru/author/boris-zhitkov/about/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ORLANDI, Ana Paula. O lado pouco conhecido da literatura russa. *Revista Pesquisa FAPESP*, [S. L.], v. 313, p. 86-88, 10 fev. 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-lado-pouco-conhecido-da-literatura-russa/>. Acesso em: 20 fev. 2025.